A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NEGRA NO CONTO OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO
- EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A ESCREVIVÊNCIA DA INFÂNCIA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto Olhos D'água da escritora e pesquisadora Maria de Conceição Evaristo. No decorrer do trabalho tento explicitar como a obra literária de Conceição Evaristo é uma ruptura com as noções racistas atreladas ao sujeito negro ao longo da história, ao recontar através da escrivivência, narrativas individuais e também coletivas silenciadas pelo racismo. Ao final do texto, abordo como a literatura de Evaristo é importante e necessária para a construção de uma memória negra positiva, e como sua obra caminha em conjunto com a assim chamada educação para as relações étnico-raciais estabelecida com a implementação das "Diretrizes curriculares nacionais para o ensino das relações étnico-raciais e de história e cultura afro-brasileira e africana", aprovadas em 2004.

Palavras-chave: ensino para as relações étnico-raciais; literatura; memória.

INTRODUÇÃO

Como é sabido, a construção do Estado nacional brasileiro é marcada a ferro por nosso passado colonial. Antes de nos aprofundarmos na discussão proposta neste trabalho, se faz necessário apresentar o conceito de colonialidade tal como é descrito por Vergueiro (2016), a colonialidade é constituída por um entrelaçamento de relações de dominação, exploração e conflito nos campos relativos à subjetividade do indivíduo, ou seja, da identidade, do sexo, da raça e do gênero.

Para melhor compreendermos o conceito de colonialidade, é necessário apresentarmos uma distinção entre colonialismo e colonialidade:

> [...] O colonialismo era, inicialmente, uma relação política e econômica na qual a soberania de uma nação é subjugada por outra. O colonialismo forja em seu bojo a colonialidade. Esta consolida um padrão de poder que não se restringe às relações formais de dominação de um povo sobre o outro como ocorrera no início do colonialismo, mas intenciona firmar os pilares da racialização e da racionalização ao estabelecer e universalizar a hierarquização dos sujeitos, dos conhecimentos e das relações de trabalho para responder ao mercado capitalista. Podemos dizer que a colonialidade inicia-se no colonialismo, mas não finda com ele, ao contrário, ganha força e fôlego mesmo com o processo de descolonização. (SILVA; FERREIRA; SILVA, 2013, p. 08)

Como consequência deste processo histórico e cultural é possível afirmar que a produção de conhecimento – inclusive o conhecimento literário – exclui os saberes locais e as experiências cotidianas produzidas por sujeitos subalternizados por nossa sociedade. Segundo Silva et. al. (2013, p. 08) podemos verificar as consequências deste processo ao observar os currículos escolares que tomam a história da Europa como História Universal; no conhecimento que classifica como senso comum os saberes advindos de outras partes do mundo que não estejam baseados na racionalidade científica europeia; entre outros. É nesse sentido que a escrita de Conceição Evaristo rompe com as noções racistas estabelecidas em torno do sujeito negro. Através de sua obra, a autora marca a construção do conhecimento literário pelo local sociocultural em que sua escrita se insere. Embora ficcional, sua obra se funde com narrativas experimentadas por inúmeras pessoas negras no Brasil, crianças ou adultos, inclusive sua própria: a luta pela sobrevivência diária em um país violento e racista. Como a própria autora coloca, sua escrita se difere da escrita de outros autores brasileiros, pois é marcada por suas vivências enquanto mulher afro-brasileira e também a vivência de seus semelhantes. A autorrepresentação literária através da escrivivência rompe com a colonialidade que ancora a imagem de pessoas negras a partir de noções racistas de nosso passado escravocrata. A ficção literária torna-se um ato de subversão ao recontar trajetórias até então marcadas pelo silenciamento e pelo olhar caricato sobre os sujeitos negros pela literatura canônica.

Isto posto, justifica-se a relevância deste trabalho, pois se pretende nele discutir, discutir a construção de uma memória negra positiva no conto Olhos D'água; e, o potencial formativo da literatura de Conceição Evaristo para a educação das relações étnico-raciais no

Brasil.

Para tal, primeiro busco apresentar brevemente a trajetória pessoal da autora Conceição Evaristo e o potencial formativo e representativo de sua literatura. Em seguida, contextualizar brevemente acerca das "Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana".

No segundo tópico busco analisar o conto Olhos D'água, tomando as desigualdades sociais e as violências vivenciadas por grupos historicamente violados não apenas como vítimas deste processo histórico, social e cultural, mas principalmente como perso-

nagens reais ou protagonistas de suas próprias histórias.

Por último, reitero a importância deste resgate das memórias do povo negro delicadamente escrito por Conceição Evaristo.

ESCREVIVÊNCIAS E REPRESENTATIVIDADE: A ESCRITA E O VIVER SE CON(FUNDEM)

Como exposto inicialmente, a escrita de Conceição Evaristo parte do desejo de contribuir para a visibilidade de escritores e escritoras negros e negras, e para o resgate da ancestralidade e da memória da comunidade negra.

A trajetória pessoal de Conceição Evaristo foi marcada por inúmeras situações de "extrema miserabilidade", como a autora coloca. As limitações materiais do ambiente familiar e a necessidade de realizar o trabalho doméstico desde a mais tenra idade, davam à autora mostras da condição de subalternidade e solidão esperada de sua condição enquanto mulher negra, pobre e favelada . A dor causada pela pobreza foi suavizada pela oralidade vivenciada no ambiente familiar, a fgura materna era responsável não só pelos cuidados domésticos e a subsistência da família, mas também pela autorrepresentação através da contação de histórias.

Mais tarde, como escritora, Conceição Evaristo escreve histórias que buscam romper com os silenciamentos históricos e assumir seu posicionamento no mundo. A autora retrata de forma simultânea a subjetividade presente na individualidade e também as dores e as lutas compartilhadas coletivamente entre o povo negro.

Sobre esse aspecto de sua obra, o pesquisador e teórico literário Eduardo de Assis Duarte (2006) nos fala:

Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa aos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente de resistência à opressão (DUARTE, 2011, p. 306)

Conforme exposto na citação acima, o trabalho de Evaristo nos apresenta uma escrita que considera as especifcidades, a cultura, as experiências individuais e coletivas da comunidade negra. Mais do que um rompimento, seu trabalho produz novas representatividades que enriquecem a Literatura Afro-Brasileira. Indo de encontro com o princípio de uma Educação para as Relações Étnico-raciais como citadas pelas DCNERER (BRASIL, 2004), nesse sentido, para além da representatividade, sua escrita está ancorada em dimensões históricas e sociais conforme a realidade brasileira, em busca do combate ao racismo:

A divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial [...] para interagirem na construção de uma nação de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada (BRASIL, 2004, p. 10).

Em março de 2004 foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) a resolução que instituiu as "Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana", as diretrizes buscavam atender à Lei nº 10.639/2003 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas do país.

Tratam-se de medidas importantes em relação à discussão das relações raciais no Brasil e o combate ao mito da democracia racial brasileira. Segundo Martha Abreu e Hebe Mattos (2008) o desmonte à ideologia de branqueamento é um dos principais pontos da adoção das novas medidas:

É o chamado "mito da democracia racial", um dos eixos centrais abordados e denunciados pelas "Diretrizes". Também redigido por especialistas, no âmbito do campo especifcamente pedagógico, o texto do parecer aprovado pelas "Diretrizes" possui um tom claramente mais político que o dos PCNs, já que está diretamente relacionado à questão do combate ao racismo. De maneira inequívoca, educadores diretamente ligados aos movimentos negros respondem agora pela redação do documento. Nesse sentido, o parecer propõe oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afrmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade (ABREU; MATTOS, 2008).

TECENDO MEMÓRIAS: ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE NO CONTO OLHOS D'ÁGUA

Conceição Evaristo, em seu conto Olhos D'água, trata das memórias de uma narradora-personagem ou mulher-flha que uma noite é tomada de súbito pela dolorosa pergunta: "[...] de que cor eram os olhos de minha mãe?" (Evaristo, 2016, 15). Ao tentar lembrar a cor dos olhos de sua mãe, a narradora-flha mergulha em fragmentos de sua própria história e genealogia familiar.

A personagem materna não tem nome, é descrita como a matriarca de uma família de oito mulheres: a mãe e suas sete flhas. As dores vivenciadas pela pobreza e pela fome eram suavizadas com a presença materna, nesse momento a mãe brincava com as flhas para que elas se esquecessem da fome, a brincadeira preferida das meninas era imaginar que a mãe era uma rainha:

Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos fores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As fores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorrimos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado...[...] eu sabia desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía. (EVARISTO, 2016, p. 17).

É preciso destacar que esta memória familiar nos remete ao universo dos terreiros de candomblé. As expressões dispersas no texto, "fores", "Rainha", "Senhora", "oferendas à mãe" se referem aos cultos de candomblé, e mais especifcamente, homenageiam Oxum, orixá feminino dos rios, do ouro, do amor e das questões relacionadas à maternidade. Além disso, o banquinho de madeira que a mãe se senta relembra o apoti, assento utilizado pelas mães e pais de santo no culto/ritual dos orixás.

A narradora chega até mesmo a lembrar com uma riqueza de detalhes os momentos difíceis passados por quem não tem acesso à moradia digna, longe das áreas de risco geralmente destinadas a pessoas que vivem às margens da sociedade e, mais afetadas pelas épocas de fortes chuvas:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, tremendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva...sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesse momento os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! (EVARISTO, 2016, p. 17-18).

Mesmo diante de um momento difícil, a lembrança que se sobressai sobre sua mãe é a do abraço forte e protetor, as rezas à santa protetora contra tempestades, a força simbólica da fgura materna sempre zelosa por seus flhos.

Apesar de tantas voltas às lembranças do passado, a narradora-personagem ainda sente de forma insuportável uma angústia por não ser capaz de lembrar da cor dos olhos de sua mãe. Em suas memórias os olhos de sua mãe estavam sempre úmidos por lágrimas, a insatisfação a leva à decisão de retornar à sua terra natal. A volta seria marcada por uma oferenda aos Orixás que deveria ser a descoberta da cor dos olhos de sua mãe.

Nesse momento, mais uma vez os aspectos do universo religioso de matrizes africanas surgem e estabelecem um vínculo entre o passado ancestral e, o presente, a flha percebe que os olhos de sua mãe realmente eram da cor de olhos d'água, águas de mamãe Oxum:

[...] Eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar seu rosto [...] Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha flha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando sussurrando minha flha falou:

Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2016, p. 18-19).

O conto termina com a revelação da cor dos olhos da mãe da personagem, são "olhos d'água" banhados pelas águas calmas, profundas e enganosas de Mamãe Oxum, Rainha das Águas, dona da fertilidade, protetora do amor, a primeira Iyalorixá do Candomblé. Navegar pelos rios profundos de Oxum poderia ser a busca por raízes ancestrais profundas.

Percebe-se que a narrativa traça um caminho que remonta à África, somente após o retorno à cidade natal e uma oferenda aos orixás é que a narradora entra em contato com seu referencial identitário e com sua ancestralidade. Lucas Toledo de Andrade, em seu artigo "Ancestralidade, memória e auto representação da mulher negra na literatura brasileira contemporânea em Olhos D'água de Conceição Evaristo, explica as nuances deste reencontro com um espaço de pertencimento:

O assombro da narradora em não se lembrar da cor dos olhos da mãe a leva a rememorar a infância, a perceber o modo como a sua história se confunde com a da mãe uma constatação que a flha dela também terá no fm da narrativa, uma vez que os olhos dessas mulheres são olhos d'água,

olhos de prantos, olhos de choro, que podem representar, em última instância, olhos de uma história de sofrimento, renúncias e dor pelo fato de serem mulheres e negras em um país tão excludente e preconceituoso quanto o Brasil. (ANDRADE, 2018, p. 9)

Nesse sentido, o vínculo entre o passado e o presente baseia-se no cultivo dessa memória ancestral comum, continuamente experimentada através da corporalidade, da oralidade (Nora, 1963), da vivência em uma casa composta por oito mulheres, dos cânticos às Yabás, da experiência em uma comunidade de terreiro e mais tarde, ao tornar-se mãe. Assim, a memória como compreendida por Nora (1963) se constitui da seguinte forma:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado...a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou futuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (Nora, 1993, pág. 09)

Compreendo que o ato de lembrar e a partir disso viver o presente, é o que permite a reelaboração da existência, a partir de uma ótica valorativa que, neste caso, como descendentes de escravizados, acaba rompendo com a figura do sujeito afro-diaspórico como aquele desprovido de lar, no sentido etimológico da palavra, assim como utilizado por Slenes (2011) ao falar sobre o fogo doméstico que ardia permanentemente dentro das senzalas. Aos olhos do branco, o apego ao fogo era desprovido de sentido prático e estaria relacionado à selvageria. Com relatos da época, Slenes demonstra que a ótica racista sequer cogitava que o fogo pudesse ter uma ampla diversidade de significados políticos, sociais e religiosos para os centro-africanos, dentre os quais:

No Brasil, além de secar e iluminar o interior de suas "moradias", afastar insetos e estender a vida útil de suas coberturas de colmo, também lhes servia como arma na formação de uma identidade compartilhada o lar aos "lares" ancestrais, contribuem para ordenar a comunidade - a senzala - dos vivos e dos mortos. (SLENES, 2011, p. 256)

Ainda nesse ínterim, a obra de Slenes nos possibilita compreender os aspectos estruturantes sobre a família negra, descendente de escravizados. Sua análise é extensa e permite compreender as dinâmicas de formação da sociedade brasileira e das famílias cativas. (Slenes, 2011)

Em sua obra há uma constante indagação sobre a estrutura e desenvolvimento das famílias escravizadas, porém é possível compreender a terrível herança oriunda do terror da escravidão, suas mágoas e pústulas. Nas famílias negras é claro: desestrutura.

Desde a chegada dos escravizados no Brasil houve uma tentativa deliberada de impedir a união e a manutenção de laços afetivos deste grupo – uma clara ferramenta do Estado brasileiro para impedir as revoltas contra os senhores. O reflexo do período escravocrata ainda se faz presente, de modo que muitos aspectos notados desde o século XVIII ainda são notáveis, como por exemplo, a ausência do pai no ambiente familiar, a exposição à exploração do trabalho na infância, a morte precoce de pessoas negras, o adoecimento psíquico, a pobreza (Slenes, 2011).

Esses elementos são explorados no conto de Conceição Evaristo, a ausência de pai, a pobreza, a luta por subsistência, estão presentes em suas narrativas e indicam a permanência dolorosa deste passado-presente, o que possibilita atualizar o panorama traçado por Slenes.

O autor ainda apresenta alguns estudos que exploram a origem da permanência da desestruturação da família cativa. Em seu levantamento, aspectos psicanalíticos são evidenciados; a organização familiar encontrou um ambiente hostil, que impossibilitou suas permanências, a fragilidade e a possibilidade de separação da família, o medo de ter os filhos vendidos, a iminência da morte gerou grandes traumas, que vão desde a não demonstração de afeto à alienação da figura paterna pelos cativos, destacado no seguinte trecho:

[...] o pai (escravo) não podia ser idealizado como protetor e provedor (de sustento), já que simplesmente não desempenhava esses papéis. O protetor mesmo era "o senhor branco", que, por esse motivo, "virou (para o escravo) uma figura idealizada, embora odiada (como explorador e perseguidor)"

(KARDINER; OVESEY apud SLENES, 2011, p. 45)

Apesar deste contexto, a família cativa não se reduzia a projetos centrados em laços de parentesco, em um sentido mais amplo, "[...] ela era apenas uma das instâncias culturais importantes que contribuíram, para a formação de uma identidade nas senzalas, conscientemente antagônica à dos senhores e compartilhada por grande parte dos cativos" (SLENES, 2011, p. 59).

Quando invocamos as lembranças de nossa personagem sobre a cor dos olhos de sua mãe, percebemos este elemento anta-

gônico. A narradora busca a memória de sua mãe, e a resgata por meio da ancestralidade e da religião, são os rituais religiosos, os territórios, os momentos difíceis que permitem esse resgate.

Como pontuam Araújo e Miranda (2019):

A memória é sempre uma construção, na qual a lembrança é parte constituinte da nossa identidade, do nosso sentimento de pertencimento. Já o conhecimento histórico traz a elaboração de arquiteturas de sentido que excedem os próprios recursos da memória coletiva através de processos de articulação entre acontecimentos, estruturas e conjunturas. A história pode ampliar, complementar e até refutar o testemunho da memória sobre o passado, mas não pode abolí-lo (ARAÚJO; MIRANDA, 2019, p. 385)

Assim sendo, a escrita de Conceição Evaristo trabalha na construção dessas memórias contra hegemônicas, apropria-se de identidades e alteridades, reúne elementos de nossa realidade social que juntos fazem parte da reinvenção da vida e de memórias individuais e coletivas antes silenciadas. Sua escrita é o ato de dar voz, pois, como bem pontuam Araújo e Miranda (2019, p. 387) "quem fala não existe, não decide, não participa, não está representado, contar suas próprias histórias: essa tem sido uma das tarefas dos 'outros' inventados nos discursos coloniais".

Sobre as principais contribuições do conto Olhos D'água de Conceição Evaristo, Machado e Silva (2022, p. 18) nos diz:

[...] os títulos de Conceição Evaristo, nos mostram que existem projetos, autoras e autores voltados para a valorização da história e cultura da comunidade negra brasileira e sua identidade no âmbito da cultura nacional, assim como estão empenhados e comprometidos com o reconhecimento aos processos históricos de resistência individuais e coletivas desta comunidade, de modo a comprovar o potencial formativo destas produções no âmbito da Educação para as Relações Étnico-raciais.

Podemos perceber a sensibilidade e comprometimento de sua escrivivência ao observar o cuidado na construção do enredo do conto. Uma indagação sobre a cor dos olhos d'água leva a personagem-narrador a descobrir que a cor dos olhos de sua mãe pode ser descoberta ao olhar para si mesma: como um espelho capaz de refetir o passado, o presente e também o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como ponto central a refexão sobre a importância da escrita de Conceição Evaristo nas discussões relacionadas à temática da identidade negra. Sua escrita traz um conceito criado por ela: a escrivivência, ato de narrar experiências reais experimentadas pelas mulheres negras e pobres – historicamente silenciadas e estereotipadas na literatura brasileira, em entrevista ao Canal Brasil, a autora afrma: "eu queria falar menos de dor, mas a dor ainda está aí. [...] Quem me dera estar fazendo uma literatura hoje que fosse muito mais em tempo de afrmação." (Canal Brasil, 2016, 20 min 35 segs.)

Embora dolorosa, sua literatura marca o lado humano, subjetivo, existencial de nós afrodescendentes. A leitura do conto, me permitiu refetir sobre quem tece nossas memórias coletivas e como a comunidade negra é representada na literatura brasileira. Acredito que as lembranças da narradora-personagem não são individuais, elas entrelaçam presente, passado e futuro através do reconhecimento de conhecimentos, experiências pessoais e coletivas de mulheres negras, muito importantes no processo pedagógico de combate ao racismo e valorização da identidade negra.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das "Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e

africana": uma conversa com historiadores. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/59tmSkhj3wzhwrCrdgC4cvx/?lang=pt>. Acesso em: 03 de abr. 2023.

ANDRADE, Lucas Toledo de. Ancestralidade,memória e auto representação da mulher negra na Literatura Afro-brasileira contemporânea em "Olhos d'água" de Conceição Evaristo. Revista Entrelaces,v.1, n. 14, out/dez de 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39801. Acesso em: 03 de abr.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. 2004.

CANAL BRASIL. Conceição Evaristo e a mulher negra na sociedade. Espelho. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1SRI-R27F_o>. Acesso em: 03 de abr. 2023.

DA SILVA OLIVEIRA, V. .; BREDA MAGALHÃES, L. . Educação Literária e autoria negra feminina brasileira: um olhar para o conto "Quantos Filhos Natalina Teve?", de Conceição

Evaristo. Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 80–96, 2020. DOI: 10.34024/olhares.2020.v8.11045. Disponível em: https://

periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/11045. Acesso em: 31 mar. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. v. 4 (História, teoria, polêmica). Belo Horizonte:

UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro. Pallas, 2016.

HALBWACHS, M. 2004. La mémoire collective [1950]. Édition critique établie par Gérard Namer. Paris, Albin Michel, 1997 (trad. bras. A Memória Coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2004).

MORAIS, L. M. S. Escrevivendo a infância em Olhos d'água de Conceição Evaristo. 2022. 91.f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

NORA, P. 1993 [1984]. "Entre memória e história. A problemática de lugares". In Proj.

História. São Paulo (10), dez. 1993: 7-28.

VERASTEGUI, B. A. . O papel dos contos na educação para as relações étnico-raciais:

literatura e representação. Ensino em Perspectivas, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1–11, 2022. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/9070. Acesso em: 31 mar. 2023.

SILVA, Edenilson Tondo da. A infância nos contos de Conceição Evaristo. 2021. Trabalho de

Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Pato Branco, 2021.

SILVA, J. F. da; FERREIRA, M. G.; SILVA, D. J. da. Educação das relações étnico raciais: um caminho aberto para a construção da educação intercultural, crítica. Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 248–272, 2013. DOI: 10.14244/19827199570. Disponível em: https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/570. Acesso em: 3 abr. 2023.

SLENES, R. Na senzala, uma for. Esperanças e recordações na formação da família escrava:

Brasil Sudeste, sec. XIX. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.